

---

## CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO MUSEU DE ARTE DE BLUMENAU NUM VERNISSAGE: A PARTILHA ESTÉTICA

DOI: <https://doi.org/10.33871/23580437.2022.9.2.79-92>

Rosana Clarice Coelho Wenderlich<sup>1</sup>  
Carla Carvalho<sup>2</sup>

### RESUMO

Tem como tema a relação de crianças e adolescentes com arte num *vernissage* e problematiza o percurso vivido por estes durante o evento num Museu de Arte. Tem como objetivos: discutir as potencialidades dos Museus de Blumenau e região para a educação estética, cultural e artística e compreender por meio dos registros dos museus os objetos propositores para a educação estética, artística e cultural na perspectiva de compreender a política da partilha do estético. O artigo apresenta o contexto, a metodologia, as discussões teóricas articuladas à análise, bem como os principais dados. É parte de investigações sobre proposições estéticas nos Museus de Arte. É uma pesquisa de abordagem qualitativa, ancora-se na Pesquisa Educacional Baseada em Arte com viés a/r/tográfico. A geração de dados com cinco crianças e adolescentes permeou registros fotográficos durante o *vernissage* e em narrativas em diário de “linhas”. Os resultados indicam que as crianças e adolescentes reconhecem os espaços museais como lugares de conhecimento e cultura, abertos ao público. Que a mediação cultural na relação com o artista presente durante o vernissage enriquece o diálogo e abre possibilidades de percepção sobre as obras e o entendimento sobre o sistema da arte. Que se envolvem mais em obras interativas. Reconhecer a presença das crianças e adolescentes como público em potencial nos indica a relevância de uma “escutatória” que considere o que as crianças têm a falar, uma escuta atenta, respeitosa e dialógica que se abra na mediação com esses sujeitos.

**Palavras-Chave:** experiência; mediação cultural; museu de arte.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade Regional de Blumenau - FURB, pedagoga, Coordenadora Pedagógica Efetiva na Rede Municipal de Blumenau. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Arte e Estética na Educação – FURB/CNPq. Blumenau, Santa Catarina, Brasil. E-mail: [rosana.wenderlich@gmail.com](mailto:rosana.wenderlich@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5404-5891>. Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7829049296679459>.

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná – UFPR, Professora no Departamento de Arte e no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Regional de Blumenau – FURB. Líder do GP Arte e Estética na Educação FURB/CNPq. Blumenau, Santa Catarina, Brasil. E-mail: [ca\\_carvalho@icloud.com](mailto:ca_carvalho@icloud.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1402-7920> Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3577819679344029>

## CHILDREN AND ADOLESCENTS AT THE BLUMENAU ART MUSEUM AT A VERNISSAGE: SHARING AESTHETIC

### ABSTRACT

Its theme is the relationship of children and adolescents with art in a vernissage and problematizes the course lived by that students during the event in a Art Museum. The objectives of this article are: to discuss the potential of the Museums of Blumenau and region for aesthetic, cultural and artistic education and, to understand through museum records the objects proposed for aesthetic, artistic and cultural education in the perspective of understanding the policy of sharing the aesthetic. The article presents the contexts, in a methodology, the theoretical discussions articulated to the analysis, as the main data. It is part of investigations on aesthetic propositions in Art Museums. It is a study with a qualitative approach, anchored in Educational Research Based on Art, characterized as an a/r/tography. The generation of data, with five children and adolescents, permeated photographic records during the vernissage and in “lines” diary narratives. The results indicate that children and adolescents recognize museum spaces as places of knowledge and culture, open to the public. That the cultural mediation in the relationship with the artist present during the vernissage enriches the dialogue and opens possibilities of perception about the works and the understanding of the art system. That they are more involved in interactive works. Recognizing the presence of children and adolescents as a potential audience shows us the relevance of a “listening” that considers what children have to say, an attentive, respectful, and dialogic listening that opens in mediation with these subjects.

**Keywords:** experience; cultural mediation; art museums.

## NIÑOS Y ADOLESCENTES EN EL MUSEO DE ARTE DE BLUMENAU EN UN VERNISSAGE: EL COMPARTIR ESTÉTICO

**RESUMEN:** Su tema es la relación entre niños y adolescentes y el arte en *vernissage* y habla del viaje vivido por ellos durante el evento en un Museo de Arte. El artículo tiene como objetivos: discutir las potencialidades de los Museos de Blumenau y región para la educación estética, cultural y artística, y comprender, por medio de los registros de los museos, los objetos propositores para la educación estética, artística y cultural en la perspectiva de comprender la política del compartir lo estético. El artículo presenta el contexto, la metodología, las discusiones teóricas articuladas al análisis, así como los principales datos. Es parte de investigaciones sobre proposiciones estéticas en los Museos de Arte. Es una investigación de abordaje cualitativo, anclándose en la Pesquisa Educacional Basada en Arte con carácter a/r/tográfico. La generación de datos con cinco niños y adolescentes abarcó registros fotográficos durante el *vernissage* y en narrativas en diario de “líneas”. Los resultados indican que los niños y adolescentes reconocen los espacios de los museos como lugares de conocimiento y cultura, abiertos al público. Que la mediación cultural en la relación con el artista presente durante el *vernissage* enriquece el diálogo y abre posibilidades de percepción sobre las obras y el entendimiento sobre el sistema del arte. Que se involucran más en obras interactivas. Reconocer la presencia de los niños y adolescentes como público en potencial nos indica la relevancia de una “escuchatoria” que considere lo que los niños tienen a decir, una escucha atenta, respetuosa y dialógica que se abra en la mediación con esos sujetos.

**Palabras Clave:** experiencia; mediación cultural; museo de arte.

## INTRODUÇÃO

Este artigo é parte de uma pesquisa que busca compreender percepções de crianças e adolescentes acerca da arte em visita às temporadas de exposições no Museu de Arte de Blumenau (MAB). Responde aos seguintes objetivos: discutir as potencialidades dos Museus de Blumenau e região para a educação estética, cultural e artística e compreender, por meio dos registros dos museus, os objetos propositores para a educação estética, artística e cultural na perspectiva de compreender a política da partilha do estético.

Compreendemos o museu como espaço potencial e poético que permite tecer relações com a experiência e a educação estética tendo a mediação cultural como um “[...] ato capaz de abrir diálogos, também internos, ampliados pela socialização dos saberes e das perspectivas pessoais de cada fruidor” (MARTINS, 2012, p. 29).

Escolhemos um museu e nele construímos nosso “ninho”. Assim como os pássaros tecem seus ninhos, esta pesquisa tece suas linhas. Os sujeitos tornaram-se nossos *parceiros de voo* e são o que Bourdieu e Passeron (2018) denominam “herdeiros” de uma cultura, um capital cultural herdado e vivido no contexto familiar, uma cultura legitimada na relação com o contexto em que circulam vivem e materializam a “posse de competências culturais” (NOGUEIRA, 2021, p. 03).

Escolhemos um museu de arte, aqui entendendo a arte como “[...] linguagem, interpretação e representação do mundo” para que seja possível “[...] o homem entender o contexto ao seu redor e relacionar-se com ele” (BUORO, 1998, 20). Assim, esta experiência pela qual a arte nos envolve e nos faz fruir é definida por Larrosa (2002) como “aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação” (LARROSA, 2002, p. 25, grifo do autor).

O tema desse artigo, que versa também sobre a experiência (LARROSA, 2002), ressoa muito do que discutimos no coletivo do Grupo de Pesquisa Arte e Estética na Educação - GPAEE e, aqui, em especial, nessa pesquisa, que se desenrolou em parceria com mestrandos do Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE/FURB junto ao MAB. As reflexões sobre a experiência fazem parte de um texto do autor intitulado “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, cujas reflexões exercem forte provocação, convidando-nos a construir um olhar sobre o museu de arte e a mediação cultural, bem como a reconhecê-lo como lugar possível de uma educação não formal, ambiente de partilha de saberes e discussões sobre a “[...] necessidade atual e algo urgente de se dar maior atenção a uma educação do sensível, a uma educação do sentimento, que poder-se-ia muito bem denominar *educação estética*.” (DUARTE JR. 2001, p. 15, grifos do autor).

Ainda, no grupo de pesquisa, tecemos relações com as discussões sobre a partilha do sensível que, para Racière, “é um paradigma da relação entre o que pertence à arte e o que não lhe pertence”, e “um paradigma da relação entre o pensamento e o que não é pensamento”, no que se refere à arte. Assim, há uma tensão no que compreendemos por arte, o que configura como arte e como circula o que chamamos de arte no ocidente pois, para ele, “a Arte como configuração de uma esfera determinada da experiência somente existe no Ocidente a partir do século XVIII” (RANCIÈRE, 2021, p. 90- 91).

Neste sentido, buscamos olhar como, nos contextos mais diversos e singulares, há a partilha desse sensível que é coletivo, mas é também singular, e nos interessa compreender como essas experiências sensíveis são percebidos em processos de mediação cultural. Nesse viés, as frequentes visitas às temporadas de exposições do MAB redirecionaram o olhar para aqueles que são pouco observados nesse espaço – as crianças. No museu, durante o *vernissage*, encontramos poucas crianças que, de certa forma, são despercebidas em meio à multidão que aprecia as obras e os artistas. Mas as poucas

crianças e adolescentes estão no museu com olhos curiosos, cintilantes. Querem, ainda que sem saber, ou no movimento junto às suas famílias, o direito que lhes cabe de participar desse momento para que se torne experiência, relação intrínseca entre o sensível e o inteligível. Seus ouvidos, ávidos, são atentos aos artistas que com elas decidirem falar. Para tanto, como indica Larrosa (2002), é necessário rever/desconstruir muitas certezas que guiam grande parte dos estudos e pesquisas legitimadores dos saberes da arte, da estética e da mediação cultural. Nesse sentido, descortinar os caminhos pelos quais as crianças e adolescentes vivenciam ou não suas experiências estéticas é o mote que move esta pesquisa a tecer seus fios nas linhas que segue.

Stamm e Pillotto (2007) nos provocam refletir, por meio de suas próprias experiências, a direcionar um olhar cauteloso para um currículo integrado, tendo como ponto central a arte como propulsora e condutora dos processos educativos e que esta pode e deve ser pensada para além dos muros das instituições formais de ensino, o que reafirma nosso direcionamento da pesquisa para o MAB e suas temporadas de exposições. Portanto, planejar, acompanhar e articular ações pedagógicas que envolvam a educação em espaços como o museu de arte são diálogos possíveis nesta pesquisa tendo como viés uma educação estética permeada pela mediação cultural. Assim, fomos ao Museu para, de lá, olhar para crianças que frequentam estes espaços e compreender, com elas, como o percebem.

Compreendemos que, para além de aproximar as crianças e adolescentes dos diferentes códigos estéticos, é preciso mediar para as ensinar a experimentar, a olhar, a sentir com todo seu corpo e reconhecer que “[...] a arte possibilita-nos perceber a essência das coisas, dos seres [...]” (NEITZEL, 2012, p. 51), para que se tornem observadores críticos do mundo que os cerca. A arte é, portanto, a possibilidade de “[...] atingir o mais profundo do ser humano: o sensível” (NEITZEL, 2012, p. 51). Nesse passo, é preciso que as crianças e adolescentes estejam também abertos para experimentar, que disponham de uma abertura sensível para que se sintam afetadas pela experiência na relação de mediação cultural com os artistas e suas obras.

Sob esta ótica, “a educação do sensível é, sobretudo e primeiramente, a educação de nossos sentidos [...]” (DUARTE JR., 2001, p. 28), uma possibilidade de nos constituirmos permanentemente mais humanos por meio de uma educação estética e sensível, “[...] em um mundo do tempo vivido e do tempo sentido, uma série de decisões, de escolhas, de alternativas, de um saber na diversidade e no respeito” (PILLOTTO, 2006, p. 14). Assim, o Museu de Arte de Blumenau (MAB) e suas Temporadas de Exposições são concebidos nesta pesquisa como lugar de encontro entre a arte e a mediação cultural, a educação estética e sensível para e com as crianças e adolescentes que dela fazem parte.

## **A NINHAGEM: METODOLOGIA**

Esta é uma pesquisa qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994), pois possibilita ao pesquisador aproximar-se da subjetividade dos sujeitos pesquisados, permitindo descrever suas narrativas, vivências e experiências na medida em que busca desvelar a experiência estética vivenciada como forma de “[...] manifestação da existência humana” (DUARTE JR., 2001, p. 27) e compreender que “[...] é através da arte que o ser humano simboliza mais de perto o seu encontro primeiro, sensível com o mundo” (DUARTE JR., 2001, p. 25).

De acordo com Bogdan e Biklen (1994), um dos aspectos fundantes da pesquisa qualitativa está relacionado à descrição do processo e não simplesmente seu resultado. Esse reconhecer da pesquisa qualitativa enquanto processo se funde à perspectiva a/r/tográfica que trazemos e às experiências artísticas utilizadas para formular os enredos, explorar ideias, analisar dados, buscar produzir sentido e significado tanto pessoal quanto coletivo (IRWIN, 2013, p. 29).

A ênfase no processo e não no resultado também é defendida por Flick (2009, p. 24) quando descreve que “os objetos não são reduzidos a simples variáveis, mas sim representados em sua totalidade, dentro de seus contextos cotidianos. Portanto, os campos de estudo não são situações artificiais criadas em laboratório, mas sim práticas e interações dos sujeitos na vida cotidiana”. A definição de Flick (2009) reafirma nossas escolhas, na medida em que escolhemos observar e acompanhar um grupo de crianças e adolescentes durante um vernissage no MAB.

Apoiamo-nos na Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA) pois, para Dias (2013, p. 23), esta baseia-se “no conceito de que o sentido não é encontrado, mas construído e que o ato da interpretação construtiva é um evento criativo”. A dimensão criativa do processo da pesquisa não será descrita aqui, mas está presente na metáfora utilizada: a ninhagem (WENDERLICH, 2020). O instrumento para a geração de dados aqui apresentado constitui-se em diários de “linhas” (bordo). Apresentamos parte dos estudos das narrativas geradas nesses diários.

Os parceiros de voo (sujeitos da pesquisa) foram encontrados em uma visita a um *vernissage* de abertura das temporadas de exposições no ano de 2018. Fizeram parte deste estudo cinco crianças e adolescentes, com idades entre 8 e 14 anos que habitualmente frequentam as temporadas de exposições do MAB. Cada parceiro de voo recebe o nome de um pássaro, mantendo o sigilo de suas identidades.

O interesse pauta-se nas percepções e sentidos atribuídos por nossos parceiros de voo no processo de mediação cultural em um museu de arte para compreender o potencial artístico, estético, sensível do MAB. Buscamos fomentar o diálogo na relação pesquisadores e sujeitos da pesquisa por meio da visita ao museu em uma temporada de exposições, valendo-nos de registros fotográficos, das narrativas nos diários de linha (de bordo) e do grupo focal com as cinco as crianças e adolescentes participantes como estratégia para balizar os objetivos propostos. Realizamos um total de três encontros com as crianças, mas tomamos como ponto de partida para essa análise uma apenas.

Localizado no Centro Histórico de Blumenau, o MAB está rodeado por importantes espaços culturais como o Museu da Família Colonial, o Mausoléu Dr. Blumenau, a Rua das Palmeiras, o Museu da Cerveja, o Cemitério dos Gatos, o Arquivo histórico Prof. José Ferreira da Silva, a Biblioteca Dr. Fritz Muller e o Museu de Hábitos e Costumes. Se analisarmos de forma metafórica, o MAB localiza-se ao centro dessa ninhagem cultural tecida pela linha do tempo e da história da fundação de Blumenau, em 1850.

Fundado em 03 de dezembro de 2004, o MAB, encontra-se vinculado à Secretaria Municipal de Cultura e Relações Institucionais (SMC). Sua estrutura conta hoje com cinco salas para exposições, sendo elas: Sala Roy Kellermann, Sala Pedro Dantas, Sala Elke Hering, Sala Alberto Luz e Galeria do Papel/Galeria Municipal de Arte.

O MAB abriga, em suas ações, as chamadas Noites Multiculturais<sup>3</sup>, tendo como foco a abertura solene ao público de suas exposições temporárias, em sua maioria membros da comunidade artística. O movimento ganha força e, em meados de 2011, o processo de exposições temporárias organiza-se a partir de editais, com vistas a contribuir na dinamização do MAB, a garantir procedimentos democráticos na utilização dos espaços públicos, promover a transparência e a difusão das produções contemporâneas das artes visuais. A visibilidade do movimento toma maiores proporções e passa a ser intitulado “Temporadas de Exposições do MAB”. Sua organização está pautada em cinco encontros anuais com intervalo médio de aproximadamente 51 dias. Ao atravessar barreiras, céus e oceanos, a ninhagem que se tece no museu é entrelaçada por um percurso de 47 temporadas de

---

<sup>3</sup> As noites multiculturais promovidas pelo MAB são aqui compreendidas como as noites de aberturas expositivas realizadas no espaço museal compostas por obras de arte e, em outros momentos, por músicas, danças e as demais linguagens que envolvem a arte e a diversidade cultural. Estas noites tiveram uma parada em parte do ano de 2020 e 2021, em virtude da COVID-19. Desde meados do ano de 2021 voltaram acontecer.

exposições que contaram, até o momento, com 203 mostras, 517 artistas expositores, procedentes de 39 cidades, 16 estados e 6 países: Brasil, Argentina, Alemanha, Itália, Finlândia e França.

## O LUGAR, O ENCONTRO...

A educação do olhar, a aproximação das crianças e adolescentes e de seus familiares dos diferentes códigos estéticos e da educação do sensível estão permeadas pela compreensão do museu de arte como espaço que guarda muito mais que objetos de arte e suas histórias, mas sim um lugar que preserva o patrimônio cultural, um espaço educativo aberto ao público que permite ações de mediação com artistas e suas obras de arte. Aspectos estes que buscamos trazer nesta investigação quando abordamos o conceito de mediação cultural e da educação estética em espaços museais. Para continuarmos nossa discussão sobre o museu e refinar o olhar que buscamos neste estudo é preciso destacar que a Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus, os define como:

[...] instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, aberta ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (BRASIL, 2009, p. 01).

Diante dessa definição, o museu passa a ser um lugar, “mus[eu]”, “mu[seu]” e, por assim dizer, nosso lugar de encantar e maravilhar (SHLEY, 2015, p. 70). A interação com a comunidade e a ampliação de olhares sobre o patrimônio cultural estabelecido nos documentos oficiais e atribuídos aos museus, traduzem o reconhecimento dos espaços museais como lugares de conhecimento e cultura. Reconhecem nele um espaço potencial e educativo e, se falamos que museu é espaço, reafirmamos sim, que museu é tudo! Bachelard (1978, p. 203) em “A poética do espaço” enfatiza que “[...] o espaço é tudo.” O autor ainda discorre que “[...] é pelo espaço, é no espaço que encontramos os belos fósseis de uma duração concretizados em longos estágios.” Tais palavras transcendem o que para nós conceituamos e compreendemos por espaço museal, como lugar de ampliação de conhecimento, de troca, de novos olhares e sentidos. Assim, para além do compromisso sociopolítico que o reveste, o museu tem um compromisso educacional.

Conforme Martins e Picosque (2012, p. 33), mediação cultural é “[...] um ato capaz de abrir diálogos, também internos, ampliados pela socialização dos saberes e das perspectivas pessoais de cada fruidor”. Quando nos permitimos estabelecer essa atitude dialógica com a arte por meio da mediação cultural e ajudar as crianças e adolescentes a olhar, abrem-se novas possibilidades de compreensão do mundo e das realidades vividas. É notório, portanto, que reconhecer as potencialidades do contato com a arte por meio da mediação cultural nos permite ver o que se faz necessário para uma educação estética. Por isso, adentrar ao museu e “[...] penetrar em suas obras e histórias cria a oportunidade de novos encontros estéticos [...]” (MARTINS, 2005, p. 12).

No entanto, a palavra medi[ação], em sua essência, tem um significado vivo, se torna potência na ação pois, como nos diz Martins (2014), há “[...] uma distinção entre função e ação [...]” (MARTINS, 2014, p. 252). Neste caso, a mediação como ação é vital na mobilização de encontros e sentidos estéticos e “[...] às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto. E esse canto atravessa o tempo e o espaço. E ressoa em outras experiências e em outros cantos” (LARROSA, 2017, p. 10). E, assim, iniciamos

com as crianças e adolescentes uma andarilhagem pelo MAB e suas salas sob a perspectiva da mediação cultural como um ato capaz de abrir diálogos e novas experiências estéticas.

Inicia o *vernissage* (antes da pandemia) que começa no horário agendado, com a tradicional visita às salas e exposição das obras. A Sala Pedro Dantas está com uma interessante exposição intitulada “Desenhos de um real”. A gerência do museu discorre breves palavras sobre a proposta de montagem da exposição e apresenta Diego de Los Campos, autor das obras. As paredes estão cobertas de obras (Figura 1), que serão vendidas por um real. O artista Diego de Los Campos dialoga com o público presente e descreve seu processo criativo, deixando claro que seu maior desejo é partilhar suas obras de forma acessível, por isso são vendidas por um valor simbólico.



Figura 1: Registro de Exposição: Desenhos de um real  
Fonte: Dados da pesquisa, 2019. Artista: Diego de Los Campos.

Neste momento percebemos a agitação de dois de nossos parceiros de voo que correm para olhar as obras mais de perto e decidir quais obras desejam adquirir. “João-de-barro” e “Sabiá” aproximam-se com olhares atentos e curiosos e fazem menção de tocá-las, mas percebem que precisam esperar. Em seu diário de linhas “João-de-barro” descreve “[...] isto pra mim foi uma surpresa porque poderia ao final da abertura tirar as obras para comprar por apenas R\$ 1,00 cada uma.” As crianças e adolescentes estão ansiosos e aproximam-se de seus familiares para solicitar aquisição das obras, mas o percurso de visita às demais salas continua e precisam esperar!

As narrativas de nossos parceiros de voo nos excertos apresentados demonstram uma possível abertura para a mediação. “Gralha-azul” aproxima-se do artista para tentar entender sua proposição e percebe que esta pode ser uma forma de “[...] acesso as obras de arte” para além das paredes do museu. “Canário” relata que adquirir uma obra “[...] é uma experiência nova, tipo, eu nunca vi isso, nunca... e nem sei se vou ver de novo [...]”. O **contato com os artistas** proporciona um novo olhar sobre o museu e suas obras, uma educação do sensível e apresenta brechas de acesso para a mediação percebidas nestes excertos. Durante o *vernissage*, as crianças e adolescentes têm a oportunidade de dialogar com os artistas sobre seus processos criativos e conhecer mais sobre as obras nas próprias palavras dos artistas. As narrativas sinalizam o quanto essas crianças e adolescentes se sentem à

vontade e estão familiarizados com o museu e suas temporadas, circulam pelas salas e conversam com os artistas na busca por esclarecer suas dúvidas.

Na sala Roy Kellermann, a exposição Coletivo @7 apresenta obras de diversos artistas, o espaço é grande e as crianças e adolescentes procuram explorá-lo. Nossos olhos<sup>4</sup>, também atentos, buscam registrar os encontros, as percepções e os movimentos de nossos parceiros de voo nesse lugar. “João-de-barro”, “Canário” e “Sabiá” são parceiros na exploração, ouvem atentos a explicação dos artistas presentes, aproximam-se deles “Gralha-azul e “Colibri”. É curioso observar as crianças e adolescentes nesse lugar! Tantas inquietações mobilizam pensar e o diálogo com Caminha (2019) que acena que: “Toda percepção é realização de um corpo situado radicalmente no mundo. Quando se lança o olhar para ver alguma coisa, a visão que nasce desse olhar é sempre a partir de um lugar em que o corpo está situado” (CAMINHA, 2019, 20). Nesse sentido, observamos que “Colibri” e “Canário” buscam ângulos, posições, luminosidades para fotografar as obras que estão sob seu olhar (Figura 2) e evidencia-se uma sensibilidade proposta pela estesia.

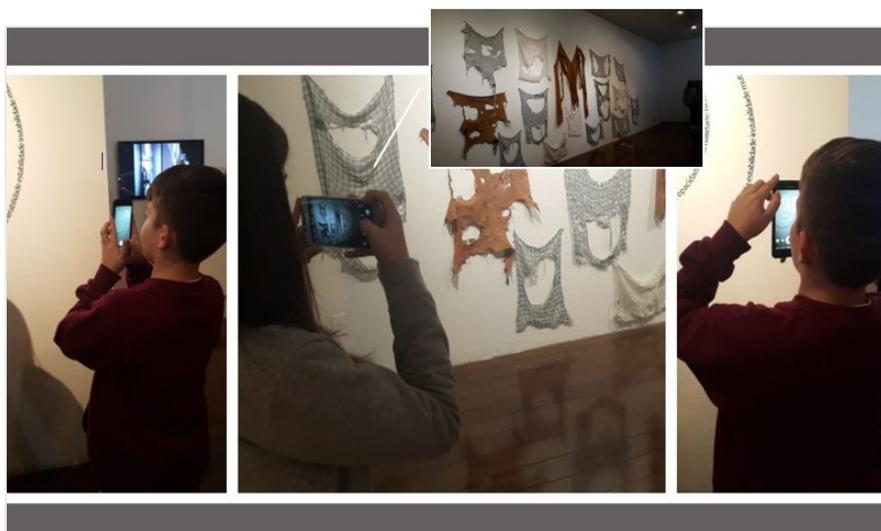


Figura 2: Sob o seu olh[ar]  
Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Duarte Jr. (2001) discorre em seu livro “O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível” sobre a real necessidade de buscarmos uma educação mais humana. Para ele, há “[...] necessidade atual e algo urgente de se dar maior atenção a uma educação do sensível, a uma educação do sentimento, que poder-se-ia muito bem denominar *educação estética*.” (Duarte Jr. 2001, p. 15, grifos do autor). Nesta perspectiva, as relações interpessoais são valorosas e pertinentes na ação de ouvir, observar com os olhos de ver e falar a todos que buscam uma educação cidadã e plena de direitos. A educação estética a que se refere Duarte Jr. (2001) reafirma a necessidade de dar oportunidade de acesso à arte para que esta provoque um encantamento e interesse em aprender e ampliar seu universo cultural.

As palavras estética e estesia têm sua origem na palavra grega *aisthesis* que, conforme Duarte Jr. (2001, p. 13), é “[...]indicativa da primordial capacidade do ser humano de sentir a si próprio e ao mundo num todo integrado”. Assim, a educação estética não está ligada apenas ao sentimento da beleza, mas também nos provoca diante de possibilidades sensíveis do ser humano frente ao sublime, à dor e outros sentimentos próprios do humano (DUARTE JR., 2001). Dessa forma, o autor defende

<sup>4</sup> Nossos olhos, pois, temos outros companheiros de voo que auxiliam nos momentos de registros fotográficos e movimentos das crianças e adolescentes pelo museu durante a visitação as salas e galerias.

uma educação estética (educação do sensível), juntamente com a educação do inteligível (educação da razão).

Assim, a mediação cultural no museu **possibilita a educação estética**, este fio que nos conduz a novos olhares e sentidos. O entre lugar é abordado inicialmente por Martins (2012, p. 47) como “ponte entre dois” e nos provoca a pensar que lugar, que entre, quais pontes, se é entre dois ou muitos... No entanto, a compreensão deste conceito vai além, segundo a autora, traduz-se em algo que ultrapassa barreiras, desloca-se da linearidade de estar entre para “estar entre muitos”. O entrelaç[ar] da mediação ao conceito de cultura permite novos sentidos no que se refere ao contexto cultural da obra e ao contexto cultural de quem é afetado por ela (MARTINS, 2012).

Ao pensar o museu como lugar, o sujeito com o pseudônimo “Gralha-azul” traduz em suas palavras no diário de linhas que o museu é “[...] lugar mágico, onde minhas vivências se transformam em sentimentos paradoxos”. Podemos perceber que esta “parceira de voo” indica sinais de afetamento e uma possível transformação potencializados pelo espaço museal. Diante deste apontamento é preciso deixar claro que na vida há experiências que nos afetam, no sentido de afet[ar], de nos toc[ar]. Larrosa (2012) afirma que experiência não é somente o que acontece, mas o que nos acontece, nos passa, nos toca e nos provoca a pensar a educação sob a ótica da intensa relação *experiência/sentido*. De certa forma, fica evidenciada na narrativa de Gralha-azul, ao dizer que “[...] sem poder explicar mudam ou não meus jeitos de encarar as pessoas e até mesmo outras realidades que desconheço”, que as experiências vividas no museu lhe afetam e lhe transformam produzindo novos sentidos estéticos.

Ainda esta mesma parceira de voo relata que “[...] ir ao museu é como tomar um banho de mar pela primeira vez ou ficar ao sol no começo de uma manhã de inverno”. Suas palavras traduzem que pensar este lugar “[...] é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece” (LARROSA, 2017, p.16). Essas narrativas sobre as relações que se tecem nesse lugar – o museu de arte –, esse lugar encharcado de significações, provocam-nos a pensar nas percepções das crianças e adolescentes num processo de mediação cultural, quais sensações que são estabelecidas pelas crianças e adolescentes neste contexto museal e como mergulham na arte e na cultura. No processo de acompanhamento das temporadas de exposições do MAB, foi possível perceber sua presença singela, quase que imperceptível diante da multidão nos momentos de abertura das exposições. Salta-nos aos olhos a necessidade de reconhecer estes sujeitos como público potencial para “[...] ampliar o contato, o discernimento, o prazer da população com a cultura que a cerca, [o que] resulta em benefícios sociais como qualidade das relações humanas e compreensão de si e do outro” (BARBOSA, 2009, P. 21). Aqui, a arte com todas as suas linguagens reafirma seu papel essencial na educação do sensível, portanto, na educação estética.

Reconhecer – o museu – esse lugar de encontro entre muitos, “[...] encontros que germinam sensações, ações, sentimentos, pensamentos que vão configurando nossa forma singular de habitar o mundo” (MARTINS, 2005, p. 14), requer acolher o olhar curioso das crianças e adolescentes que por lá circulam. As reflexões que permeiam estas linhas representam um público que frequenta o MAB com suas famílias com certa regularidade e nos leva a discutir, nesta pesquisa, sobre suas percepções e o que compreendem desse movimento. Se é de experiência, mediação cultural e educação estética que estamos falando, Leite (2005) nos diz que “[...] para a experiência estética, o que interessa é a construção de significados pelo sujeito-contemplador – criança ou adulto –, portanto, a *escuta* deveria ser base para a mediação” (LEITE, 2005, p. 30, grifo do autor).

Portanto, nosso olhar e escuta estão atentos ao que nossos parceiros de voo percebem e nos apresentam sobre esse lugar e o que por lá acontece. Percepções estas que ficam evidenciadas em suas narrativas quando nos deslocamos para a Sala Elke Hering. Nesta sala a exposição destaca-se no encontro das crianças e adolescentes com a obra, neste caso, a possibilidade de contato com a obra de arte se constitui como momento demarcado de acesso e uma experiência que lhes deixou marcas. A instalação da Artista Roseli Moreira intitulada “Como fazer um pote?” leva as crianças e

adolescentes a apreciar a relação entre a linguagem artística da cerâmica e a fotografia. Na parede a artista expôs 40 fotografias em sequência apresentando o processo de confecção de um pote com argila. A proposta é instigar o observador, por meio das imagens, a confeccionar seu próprio pote e, assim, criar poéticas para a instalação. Inicia-se neste momento uma possível abertura para que a mediação aconteça, as crianças e adolescentes poderiam criar e recriar suas próprias obras a partir da argila que estava exposta. Moreira (2018) em seu livro “Arte, estética e educação: uma perspectiva tridimensional” busca compartilhar suas descobertas no processo de criação e reconhecer a tridimensionalidade como conceito que se relaciona “[...] a questões como espaço/tempo, a estética, a expressão e a composição” (MOREIRA, 2018, p. 22), percebidas nesse percurso com as crianças e adolescentes sobre suas impressões e percepções no contato com a argila.

Na percepção e nos olhos das crianças e adolescentes a essência das coisas pode ser revelada em instantes e considerar essas essências como experiência/sentido, de acordo com Larrosa (2012), é fundamental quando estamos dispostos a ouvir. Nesse viés a educação estética, sensível ao corpo que toca e é tocado pela matéria, pelo objeto da obra, pode ser traduzida nas palavras de “Gralha-azul”, em seu diário de linhas, ao descrever que “[...]poder tocar em uma obra do artista e me colocar na obra foi muito importante, sentir na pele o que o artista fez e colocar minha marca na sua produção [...]” relata ainda que “[...] o importante é o que os observadores constroem a partir de sua arte e fazer parte dela e não só interpretá-la com o olhar, mas com o tato, olfato e outros sentidos.” Para “João-de-barro”, a instalação é cuidadosamente descrita em seu diário de linhas como “[...] uma faixa de terra com bolas de argila, poderia fazer o que quisesse desde que fosse um pote, por exemplo, o meu teve a forma da cruz vermelha que aparece na bandeira do Vasco da Gama, teve vários além do meu que particularmente teve um que pareceu um ovo de Páscoa, teve um quadrangular, outro redondo.”

As percepções destes parceiros de voo sobre a instalação reveladas em suas narrativas se traduzem na compreensão de que o mundo nos surge inicialmente como um objeto sensível, antes de se tornar inteligível, portanto, “[...] tudo aquilo que é imediatamente acessível a nós através dos órgãos dos sentidos, tudo aquilo captado de maneira sensível pelo corpo, já carrega em si uma organização, um significado, um sentido” (DUARTE Jr. 2001, p. 12). A compreensão de que a educação estética perpassa pela possibilidade do encontro, do toque na argila, do cheiro desse lugar de estar e fazer arte, do ouvir os artistas a falarem suas obras, do olhar e ver os “[...] fios sensíveis que envolvem a nós e ao mundo num único tecido [...]” (DUARTE JR. 2001, p. 14), de um corpo sensível à arte que lhe toca, do contato com outros corpos e do considerar que “[...] perceber não é uma pura sensação e nem tampouco um julgamento intelectual, mas a experiência de se dirigir, intencionalmente, ao mundo pelo corpo” (CAMINHA, 2019, p. 19) que se deixa afetar e transformar por aquilo que toca.

Esse processo criativo ocorreu pelo contato das crianças e adolescentes com a argila, objeto de transformação na sua essência enquanto matéria prima, que é criada e recriada pelas mãos de muitos que a ela se sentem provocados a interagir. O corpo que interage com a argila em transformação mobiliza sentidos, significados, cria e recria deixando sua marca. Para além do olhar que se educa nesse processo, o corpo sente e se transforma na relação como objeto e aquele objeto inicial que se denominava pote não é mais simplesmente um pote, nas mãos de muitos sofre interferências, e o pote também não é mais pote, é arte! É, portanto, a arte “[...] um saber direto, corporal, anterior às representações simbólicas que permitem os nossos processos de raciocínio e reflexão [...]” (DUARTE JR., 2001, p. 14), um saber sensível muito antes de tornar-se inteligível e por assim dizer uma educação do sentimento, uma educação estética na relação do corpo sensível com o objeto, com o outro e com o mundo.

Essa relação da argila em contato com o corpo/pele das crianças e adolescentes se configura em uma experiência perceptiva em que o “[...] corpo já esboça um tipo de reflexividade que aparece na simples experiência da mão que toca e é tocada ao mesmo tempo [...]” (CAMINHA, 2019, p. 24), como afirma

“Gralha-azul” ao narrar que “[...] o artista faz sua própria arte, mas seria muito bom se a gente pudesse colocar nossa marca na arte que ele faz também, a gente constrói uma interpretação muito mais forte, assim quando a gente consegue se conectar bastante com a obra.” Para esta parceira de voo, a conexão que estabelece com a argila configura-se pelo toque e pelas marcas que se pode deixar no [entre]laçar da experiência e do sentido. Para o parceiro de voo “Canário”, tocar a argila é “[...] uma sensação muito boa é... a argila é ... meio molhada né, uma coisa mais tipo barro, só que meio que diferente, é bom para... ela é moldável, pra mim foi bem legal” referindo-se à instalação da artista Roseli Moreira.

As crianças e adolescentes estão tão imersos nesta instalação que foi difícil mobilizá-las para seguirmos para a próxima sala expositiva. Podemos aqui dizer que, assim como elas, também perdemos a noção do tempo pois, ao vê-las envolvidas com a argila, interagindo com outros que ali estavam, descobrimos que estar “entre muitos” faz muito bem para o corpo e para a alma e como professoras/pesquisadoras/artistas não utilizamos de sandálias para andarilhar por este lugar, usamos asas para voar, para ver do alto, mas com profundidade, pois para ver “[...] há que se convocar os olhos [...]” (MARTINS, 2012, p. 117) e, neste caso, poder tocar, [re]criar a obra é uma experiência para aqueles “[...] que pela primeira vez vão olhar/ler as imagens, seja para saborear ou estranhar o novo, o desconhecido” (MARTINS, 2012, p. 117) e transformá-las sob suas próprias percepções, deixando suas marcas.

Nossos olhares voltaram-se para a mediação cultural das crianças e adolescentes em um *vernissage*, o que, por sua vez, remete-nos a um termo importante nesse percurso – a experiência (LARROSA, 2017). As temporadas de exposição do MAB podem ser o lugar para essa experiência e “[...] a arte pode consistir num precioso instrumento de educação do sensível [...]” (DUARTE JR., 2001, p. 25). O Museu e suas exposições tornam-se um lugar de experiências que fazem sentido.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos encontros com a arte e relações que se tecem entre a obra e o fruidor, com isso, experiências singulares de encontro e estesia entre as obras, as crianças e os adolescentes, em especial.

Observamos que, em seu *vernissage* de abertura às temporadas de exposições, o espaço museal revelou-nos fios que solidificam as ações de mediação encontradas neste ritual. A familiaridade de nossos parceiros de voo com o ritual do museu e com a arte são os primeiros fios encontrados na tríade relação museu, família e escola, atribuindo a esses parceiros o título de “herdeiros de um capital cultural”, discutido por Bourdieu e Passeron (2018). Uma titulação que se diferencia do conceito habitual, pois essas crianças e esses adolescentes não fazem parte de um capital econômico que os privilegia.

No percurso, descobrimos que a mediação na relação com o artista presente durante o *vernissage* enriquece o diálogo e abre possibilidades de percepção sobre as obras que expõe, quando se disponibiliza a dialogar com as crianças e os adolescentes.

A “aquisição” de obras originais pelas crianças e pelos adolescentes causou provocação quase que instantânea. O lugar da posse e o entendimento do sistema da arte foram apresentados nas narrativas de nossos parceiros, os quais conceberam a arte como um direito que pode ou deveria ser acessível a todos.

Outro aspecto que nos provocou foi perceber o que marca a pele na relação das crianças e dos adolescentes com a obra ao criarem seus próprios potes com a argila. O contato com a instalação “Como fazer um pote?” transbordou nas percepções desses parceiros, fez sentido, tornou-se

experiência/sentido por um corpo revelado. A educação do olhar, a educação dos sentidos e a educação estética fazem-se quando “[...] a busca pelo conhecimento dá-se por diversas vias e uma delas é pelo acesso aos bens culturais. Por meio da arte, o sujeito amplia sua capacidade de reflexão e percepção, assim como sua sensibilidade” (NEITZEL; CARVALHO, 2016, p. 254). É, portanto, esse acesso à arte, aos artistas e ao museu e seu *vernissage* de abertura às temporadas que acreditamos ser o lugar pelo qual a mediação se estabelece, acolhe, amplia olhares capazes de imbricar o sensível e o inteligível.

Nessa investigação nos propusemos a olhar para as crianças e os adolescentes visitantes espontâneos do museu de arte em seu *vernissage* e percebemos que, durante o percurso, um olhar gradual para esses parceiros começou a surgir, mas ainda há fios frágeis neste ninhar: a presença das crianças e dos adolescentes que, entre os adultos, circulam e, por vezes, se tornam invisíveis. Reconhecer a presença das crianças e adolescentes como público em potencial nos indica mais uma ponta frágil nesse fiar: a escutatória. É necessário ouvir o que as crianças têm a falar, uma escuta atenta, respeitosa e dialógica que se abra na mediação com esses sujeitos.

O tempo do relógio é vivido em uma dimensão distinta entre crianças e adultos, a experiência não sucumbe ao tempo, tampouco lembra-se dele, e os textos e as expografias reafirmam-nos que, embora as crianças e os adolescentes conheçam o ritual do *vernissage* e tenham consigo parte dos instrumentos para adentrarem o campo da arte, como apontado por Bourdieu e Passeron (2018), cabe-nos trazer à baila que esses sujeitos estão em percurso de formação estética e que é a mediação cultural a principal ação. Além disso, para estar “entre-muitos”, há de convocarmos o olhar de todos que fazem parte desse contexto, pois nosso olhar de pesquisadoras também busca compreender esses sujeitos como pertencentes a uma cultura de arte.

Vimos, na relação com o museu, a experiência das crianças e adolescente como possibilidade de educação dos sentidos, de educação do olhar, da relação com memórias, podendo provocar estesia, ampliar olhares, tecer percepções de si, do outro e do mundo.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. Mediação cultural é social. In: BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. (org.) *Arte/Educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 13-22.

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. Tradução Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. In: PESSANHA, José Américo Motta (org.). *Os pensadores*. Tradução José Moura Ramos et al. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 181-349.

BOGDAN, Robert.; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação*. Uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto, 1994.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *Os herdeiros: os estudantes e a cultura*. Tradução Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2018.

BRASIL. Lei Nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, [2009a]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm). Acesso em: 2 jul. 2020.

- BUORO, Anamelia Bueno. *O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem na escola*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1998.
- CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. *10 Lições sobre Merleau-Ponty*. Petrópolis: Vozes, 2019. (Coleção 10 Lições).
- DIAS, Belidson.; IRWIN, Rita. (Org.). *Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia*. Ed. Da UFSM, 2013.
- DUARTE JR., João Francisco. *O Sentido dos sentidos: a educação (do) sensível*. Curitiba: Criar edições, 2001.
- FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- IRWIN, Rita L. A/r/tografia. Tradução Belidson Dias. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita. (orgs.). *Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia*. Santa Maria: UFSM, 2013. p. 27-35.
- LARROSA BONDIA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Jan-Abr. 2002 n. 19. p. 20-28. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt> acesso em: 20 jan. de 2020.
- LARROSA BONDIA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. Tradução de: Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi.
- LEITE, Maria Isabel. Museus de arte: espaços de educação e cultura. In: LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana E. (orgs.). *Museu, educação e cultura: encontros de crianças e professores com a arte*. São Paulo: Papirus Editora, 2005. p. 19-53.
- MARTINS, Mirian Celeste. (Org.). *Mediação: provocações estéticas*. Grupo de Pesquisa CNPq UNESP. São Paulo, 2005.
- MARTINS, Mirian Celeste. Mediações culturais e contaminações estéticas. *Revista Gearte*, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 248-264, ago. 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/gearte/article/view/52575> Acesso em: 30 fev. 2020.
- MARTINS, Mirian Celeste. Mediação: primeiros encontros com arte e cultura. In: MARTINS, M.; PICOSQUE, G. *Mediação Cultural para Professores Andarilhos na Cultura*. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2012.
- MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G. *Mediação cultural para professores andarilhos na cultura*. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2012.
- MOREIRA, Roseli Kietzer. *Arte, Estética e Educação: uma perspectiva tridimensional*. Pará de Minas: VirtualBooks Editora, 2018.
- NEITZEL, Adair de Aguiar et al. Formação estética na escola de Ensino Médio: algumas experiências. percepções dos estudantes acerca da poesia em meio eletrônico. In: NEITZEL, Adair de Aguiar; CARVALHO, Carla. (orgs.). *Formação estética e artística: saberes sensíveis*. Curitiba: CRV, 2012. p. 71-89.

NEITZEL, Adair de Aguiar e CARVALHO, Carla. A estética na formação de professores. In: NEITZEL, Adair de Aguiar e CARVALHO, Carla. *Mediação cultural, formação de leitores & educação estética*. Curitiba: CRV, 2016. p. 253 – 267.

NOGUEIRA, Maria Alice. O capital cultural e a produção das desigualdades escolares contemporâneas. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 51, p. 1-13, 2021. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/7468>. Acesso em: 16 ago. 2022.

PILLOTTO, Sílvia Sell Duarte. *Gestão e conhecimento sensível na contemporaneidade*. Joinville, SC: UNIVALLI; Florianópolis: EdUFSC, 2006.

STAMM, Eliana; PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. *A arte como propulsora da integração escola e comunidade*. Joinville/SC: Editora UNIVILLE, 2007.

RANCIÈRE, Jacques. *Tempos modernos: arte, tempo, política*. Trad. Pedro Taam. São Paulo: n-1 edições, 2021.

SCHLEY, Clara Aniele. *Meu, teu, nossos olhares docentes sobre o museu de Arte: o salão de arte como lugar de mediação cultural e saberes*. Dissertação de mestrado. Itajaí, Univali, 2015. 142f.

WENDERLICH, Rosana Clarice Coelho. *Museu de Arte e Mediação Cultural: o que dizem crianças e adolescentes?* 2020. 218 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Artes e Letras. Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2020.